

A DOR DE DENTE COMO METÁFORA DO APRENDIZADO

Felício O. Deleprani

Ludwig Wittgenstein (1889-1951) é um dos filósofos contemporâneos mais influentes e, ao mesmo tempo, mais excêntricos. Segundo Bertrand Russel (1872-1970), seu professor e orientador, em um dos encontros com Wittgenstein, na universidade de Cambridge, o jovem perguntou ao professor: “O senhor poderia fazer a fineza de me dizer se eu sou ou não um completo idiota?”. Sem saber o que responder, o rapaz explicou que, caso o professor o considerasse um idiota, ele se dedicaria à engenharia aeronáutica; do contrário, estudaria filosofia. Russel, então, pediu que o aluno escrevesse um texto sobre filosofia e, ao ler o texto, dias depois, disse: “você não deve se tornar um aeronauta” (D’OLIVEIRA, 1999, p. 5).

Sob a orientação de Russel, Wittgenstein produziu sua única obra publicada enquanto vivo, o chamado **Tractatus logico-philosophicus** (WITTGENSTEIN, 1968), de 1921.

Porém, após a publicação, Wittgenstein abandonou a carreira acadêmica e se tornou professor do Ensino Fundamental e, depois, ajudante de jardineiro. Uma década mais tarde, voltou à universidade com uma finalidade: negar o que havia dito no **Tractatus logico-philosophicus**, o que acabou resultando em uma obra conhecida como **Investigações filosóficas**, na qual, a “dor” tem um papel relevante. Nessa nova obra, Wittgenstein procura estabelecer um sentido tanto ontológico quanto epistemológico para a dor.

SENTIDO ONTOLÓGICO E EPISTEMOLÓGICO DE “DOR” EM WITTGENSTEIN

Wittgenstein coloca para si mesmo a seguinte questão: “Como seria se os seres humanos não mostrassem sinais de dor (não gemessem, fizessem careta, etc.)? Então, seria impossível ensinar a uma criança o uso da expressão ‘dor de dente’” (WITTGENSTEIN, 1963, § 257, p. 92). A esse problema subjaz outro muito mais importante para Wittgenstein: a

possibilidade de uma linguagem particular. Isto é, se não podemos sentir a dor alheia, como é que sabemos que aquilo que a pessoa diz sentir corresponde exatamente àquilo que sentimos quando dizemos que sentimos uma dor?

Esteves (2000, p. 482) contextualiza a indagação de Wittgenstein, comparando-a às formulações de dois outros importantes teóricos: Freud, para quem a “inferência analógica” seria uma forma de saber que o que a outra pessoa sente é dor, posto que, ao sentir dor, manifestam-se em mim as mesmas expressões que se manifestam em outras pessoas; e Descartes, para quem há uma “autoridade máxima da primeira pessoa” sobre as representações mentais subjetivas e, por outro lado, uma dúvida irreduzível sobre as representações mentais alheias.

Nesse sentido, saberíamos que o que a outra pessoa está sentindo é dor, na medida em que reparássemos nas manifestações (gemidos, gestos, caretas etc.) que ocorrem em nós mesmos. Assim, por analogia, seria possível inferir que o que a pessoa sente é dor. No entanto, essa inferência por analogia não retira, por completo, a dúvida se o que a pessoa sente é, de fato, o que eu mesmo sinto, quando digo que tenho dores. Wittgenstein, ao enunciar o problema, antecipa, por isso, a condição que deseja para a resposta a sua pergunta: “se os seres humanos não mostrassem sinais de dor, não gemessem, fizessem careta, etc.”

Para justificar o problema, Wittgenstein (1963, § 257, p. 92) propõe uma segunda metáfora, a da “caixa de besouros”, na qual supõe “que todos tivessem uma caixa com algo dentro que chamamos de ‘besouro’. Ninguém pode olhar para a caixa de ninguém, e todos dizem que só sabem o que é um besouro olhando para seu besouro” (WITTGENSTEIN, 1963, § 293, p. 100).

Nesse caso, o filósofo está sugerindo que, se em determinado círculo dialógico, cada pessoa tivesse dentro de sua caixa particular alguma coisa que chamasse de “besouro” e, na condição em que nenhuma pessoa do círculo pudesse olhar dentro da caixa de outra pessoa, então, elas poderiam continuar conversando sobre seus objetos particulares supondo que estariam falando da mesma coisa, mesmo que os objetos nas caixas fossem completamente distintos. Essa mesma condição poderia ser aplicada à sensação de dor, pois, visto que ninguém pode sentir a dor alheia, as pessoas poderiam continuar a conversar sobre suas dores sem, contudo, estarem falando da mesma coisa.

Wittgenstein propõe uma solução para esse problema. Segundo ele, nós aprendemos o que é “dor” – gramaticalmente falando – porque aprendemos a usar essa palavra em substituição às expressões naturais, emitidas por meio da linguagem, relacionadas à dor. Naturalmente, as pessoas usam interjeições como “ai”, “ui”, “oh” que se conectam com determinadas manifestações naturais de dor, como o choro, por exemplo. E, por fim, expressões verbais mais complexas como “tenho dor” se ligam a essas interjeições e as substituem.

[...] as palavras são conectadas com as expressões primitivas, naturais, da sensação e usadas em seu lugar. Quando uma criança se machuca e chora, então os adultos conversam com ela e lhe ensinam exclamações e, mais tarde, frases. Com isso, ensinam à criança um novo comportamento de dor (WITTGENSTEIN, 1963, § 244, p. 89).

O filósofo, no entanto, apresenta essa solução apenas como uma “possibilidade”, e não de forma categórica. Assim, ao invés de nomearmos as sensações imediatamente, como fazemos com objetos concretos, a nomeamos indiretamente, ou seja, primeiro expressamos verbalmente uma interjeição (expressão de dor) e, depois, acoplamos a essa interjeição uma palavra que, ao fim, substitui a interjeição. Assim, já não diremos mais “meu ai”, mas, sim, “minha dor”.

Desta forma, resta claro e evidente no texto wittgensteiniano que a palavra “dor” não substitui, de forma semiótica, o grito. Apenas é uma forma de comportamento linguístico e verbal em substituição ao choro, isto é, à forma de comportamento natural. Sendo assim, Wittgenstein (1963, § 244, p. 89) imagina o seguinte diálogo:

- Então, você está dizendo que a palavra 'dor' realmente significa choro?
- Pelo contrário, a expressão verbal de dor substitui o choro, não o descreve.

A DOR COMO REALIDADE NA VIDA DE WITTGENSTEIN

Como qualquer outra formulação filosófica, essa posição de Wittgenstein recebe algumas críticas. Esteves (2000), por exemplo, acusa o filósofo de uma aproximação indesejada ao *behaviorismo*. Contudo, para esta pesquisa, importa verificar outra sutileza na teoria wittgensteiniana: a própria vivência do autor em relação a suas dores pessoais. Parece haver, ao longo de sua vida, um interesse pessoal tanto em descrever a própria dor como a de perceber a dor alheia.

Uma das primeiras experiências com a “dor” na vida de Wittgenstein ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, na qual combateu pelos aliados. O **Tractatus logico-philosophicus**, sua primeira obra, foi concluída durante a guerra e, em 1918, quando, no final da guerra, acabou sendo capturado pelos italianos, enviou, do cativeiro, uma cópia da obra para Bertrand Russel que a publicou em 1921. Uma segunda experiência marcante ocorreu na Segunda Guerra Mundial. Desta vez, não atuou diretamente nos campos de batalha, mas em um hospital e, depois, em um laboratório médico. Nessa época, estava escrevendo **Investigações filosóficas**, sua segunda obra mais importante. E, por fim, uma terceira experiência muito dolorosa foi a descoberta de que tinha um câncer de próstata, que o levou à morte, em 1951 (WRIGHT, 1967, p. 18-19, 25-26).

Outro aspecto que se relaciona com a dor, em Wittgenstein, são as recorrências de casos de suicídio em sua família: três de seus irmãos cometeram suicídio e, ele mesmo, em diversas ocasiões, confessou ter considerado essa possibilidade (MONK, 1994, p. 28-29, 183-185). Em um diário que escreveu enquanto esteve na Primeira Guerra, disse:

“se o suicídio é permitido, então todas as coisas são permitidas” (WITTGENSTEIN, 1961, 10/01/1917, p. 92).

Chega a ser tocante o fato de que, em um de seus momentos de desespero existencial, Wittgenstein tenha escrito para dois de seus amigos, pedindo-lhes que fossem visitá-lo. Um desses amigos era Bertand Russel, seu orientador de pesquisas na Inglaterra, por ocasião da escrita do **Tractatus logico-philosophicus**, e o outro, Paul Engelmann, arquiteto vienense com quem Wittgenstein trocou diversas cartas. Nenhum dos dois, no entanto, conseguiu visitá-lo. Engelmann não tinha passaporte e Russel estava atarefado em uma série de conferências na London School of Economics (MONK, 1994, p. 171).

Diante destes fatos, uma situação se apresenta como possibilidade de pesquisas na obra de Wittgenstein: estaria ele, de alguma forma, tentando dizer que sentia algumas (ou muitas) dores sem ser compreendido? As tentativas de suicídio seriam uma forma de fugir dessa dor que não conseguia explicar? Um fato é irrefutável, Wittgenstein não aguentava mais viver. Evidência disso foi o que disse, quando descobriu que estava com câncer: “não queria continuar vivendo” (D’OLIVEIRA, 1999, p. 8).

CONCLUSÃO

A “dor” conforme colocada, inicialmente por Wittgenstein é, ontologicamente, uma sensação e, como tal, não pode ser verificada de forma intersubjetiva, pois, sendo uma sensação, é, essencialmente, subjetiva e, por conseguinte, somente quem a sente pode dizer o que, de fato, é.

Do ponto de vista epistemológico, isto é, sobre como é possível o conhecimento a respeito da dor, Wittgenstein estabelece uma relação indireta entre a sensação “dor” e a representação verbal dessa sensação. Assim, em primeiro lugar, uma criança, ao se ferir, emite expressões naturais da dor, como o choro; em seguida, formas básicas da comunicação, as interjeições de dor (ai, ui, oh, etc) se juntam a essas expressões, e, por fim, as interjeições são substituídas por frases do tipo: “tenho dor”. Assim, “dor” não é uma palavra que nomeia uma sensação, mas uma expressão verbal que a substitui.

Por fim, uma leitura contextualizada do discurso de Wittgenstein, por meio de textos apresentados pelos seus biógrafos, parece apontar para o fato de que o interesse do filósofo pela “dor” decorria de uma vivência pessoal em relação a essa sensação. Sua passagem pelas duas guerras mundiais, o suicídio de seus irmãos, seu trabalho em hospitais e o câncer que ceifou sua vida parecem ser o melhor pano de fundo para uma investigação sobre o que é a dor e como é que aprendemos o que é a dor. Com isso, é possível inferir que, em algumas situações, pode ser que Wittgenstein tenha tentado dizer para alguém que sentia dor sem ser compreendido.

REFERÊNCIAS

D'OLIVEIRA, A. M. Ludwig Wittgenstein: vida e obra. *In*: WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ESTEVES, J. Como aprendemos o que é dor? Uma análise crítica do § 244 das investigações filosóficas de Wittgenstein. **Revista Internacional de Filosofia**, v. 29, n. 2, p. 479- 498, 2006.

MONK, R. **Ludwig Wittgenstein, el deber de um genio**. Tradução: Damián Alou. Barcelona: Anagrama, 1994.

WITTGENSTEIN, L. **Notebooks 1914-1916**. New York: Harper & Brothers, 1961.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical investigations**. Tradução: G. E. M Anscombe. 3. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1963.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1968.

WRIGHT, G. H. A biographical sketch. *In*: FANN, K. T. (Ed.). **Ludwig Wittgenstein: the man and his philosophy**. Sussex: Harvester, 1967.